

## A ETNOGRAFIA NAS PESQUISAS EM GEOGRAFIA DO CLIMA

Giovana Teodora de Jesus Faleiro<sup>1</sup>

Sofia Siqueira Lima<sup>2</sup>

Núbia Beray Armond<sup>3</sup>

### RESUMO

As abordagens qualitativas de pesquisa têm crescido em importância nos estudos climáticos por possibilitarem a inclusão das percepções dos sujeitos. Na Geografia do Clima, esses sujeitos assumem uma centralidade ao constituírem a dinâmica climática, enquanto os elementos do clima fazem parte dos aspectos cotidianos de suas vidas. Essa interconexão ocorre por meio do espaço, que molda e é moldado pelo tempo atmosférico e pelo clima e, simultaneamente, é (re)produzido socialmente. No entanto, observa-se uma dificuldade em integrar teórico-metodologicamente essa centralidade dos indivíduos e do espaço neste campo de estudo. Assim, concluímos que a etnografia pode auxiliar nessa integração ao dispor de procedimentos metodológicos qualitativos consolidados e permitir a incorporação de diferentes premissas teóricas formuladas ao longo do processo investigativo com as ferramentas disponibilizadas pelos interlocutores. Pretende-se, desse modo, contribuir para a construção de novas leituras do tempo e do clima que se utilizem do repertório da etnografia na Geografia do Clima.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa; Pesquisa etnográfica; Geografia Física Crítica.

### ABSTRACT

Qualitative research approaches have grown in importance in climate studies as they make it possible to include the perceptions of the subjects. In Geography of Climate, these subjects take center stage as they constitute climate dynamics, while the elements of the climate are part of the daily aspects of their lives. This interconnection occurs through space, which shapes and is shaped by atmospheric weather and climate and, simultaneously, is socially (re)produced. However, there is a difficulty in theoretically and methodologically integrating this centrality of individuals and space in this field. Thus, we conclude that ethnography can help with this integration by providing consolidated qualitative methodological procedures and allowing the incorporation of different theoretical premises formulated throughout the research process with the tools made available by the interlocutors. The objective is to contribute to the construction of new readings of weather and climate that make use of ethnography's repertoire in Geography of Climate.

**Keywords:** Qualitative research; Ethnographic research; Critical Physical Geography.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, [teodoragiovana@gmail.com](mailto:teodoragiovana@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, [sofiasiqueiralima@gmail.com](mailto:sofiasiqueiralima@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Assistente do Departamento de Geografia da Universidade de Indiana - Bloomington, EUA, [nuberay@iu.edu](mailto:nuberay@iu.edu).

## **INTRODUÇÃO**

Os elementos atmosféricos assumem distintos significados para os grupos sociais, exercendo influência sobre diversas atividades, desde a produção da pequena agricultura até a saúde e o conforto humano. No entanto, a maneira como essas relações são percebidas individualmente varia de acordo com as desigualdades socioeconômica, cultural e territorial, resultando em experiências do clima e do tempo atmosférico que são diferenciadas entre os sujeitos. Assim, podemos afirmar que as desigualdades socioespaciais fazem com que os efeitos do clima e do tempo atmosférico se manifestem, também, de forma desigual.

Por serem dotadas de um caráter inerentemente socioespacial, a Geografia do Clima coloca que essas relações são pertinentes à ciência geográfica (Sant'Anna Neto, 2001). Os problemas de pesquisa que emergem desse contexto, ao associarem as dinâmicas atmosférica e social, tornam necessário o emprego de informações diversas para respondê-los. É possível perceber, entretanto, o predomínio de dados quantitativos ao pensar essa relação. Quando abordada, a dimensão social é geralmente incorporada por meio da discussão teórica, evidenciando a escassez de trabalhos que realizem, simultaneamente, discussões e procedimentos metodológicos alinhados a essa proposta. Entendemos que, para avançar teórica e metodologicamente em Geografia do Clima, é preciso utilizar bases que possam promover a associação entre a dimensão social e os fenômenos de natureza física de maneira relacional. Isso significa, primeiramente, reconhecer a indissociabilidade entre estes dois aspectos por meio das teorias e dos procedimentos adotados.

Assim, para apreender o clima segundo os sujeitos sociais, propomos a etnografia como conjunto de recursos. Por meio desta abordagem, é possível construir uma leitura das estruturas sociais ao valorizar os contextos nos quais a vida coletiva acontece (Geertz, 1973; Taddei; Gamboggi, 2011). A etnografia envolve uma variedade de procedimentos metodológicos que se baseiam no compartilhamento de experiências entre pesquisador e interlocutores, permitindo a abertura de compreensões das relações e dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas.

Pretendemos, dessa forma, discutir a etnografia como campo pertinente para o desenvolvimento de investigações em Geografia do Clima. Baseada em uma construção relacional da convivência entre pesquisador e interlocutores, argumenta-se que a análise etnográfica permite auxiliar na identificação sobre como o tempo e o clima se manifestam para diferentes sujeitos e grupos sociais, exatamente por reconhecer as nuances dos contextos socioculturais nos quais se inserem. Para isso, realizamos uma revisão das bases teóricas da

etnografia e de suas aplicações, além de analisar trabalhos que exploram a adoção de técnicas qualitativas de pesquisa em Geografia e Geografia do Clima. Concluímos que os métodos e fundamentos da etnografia podem contribuir para o aperfeiçoamento na abordagem de questões de pesquisa comuns em Geografia do Clima.

## DISCUSSÃO

Considerando a interligação inerente entre as desigualdades socioespaciais e as manifestações do clima e do tempo atmosférico, Sant'Anna Neto (2001) propõe a transformação dos fundamentos da Climatologia Geográfica. A compreensão de natureza e sociedade como duas entidades distintas, conectadas somente pela ideia de impacto ambiental, dá lugar ao entendimento relacional e interdependente de natureza e sociedade.

Essa mudança ontológica é também pautada na diversidade de interesses e graus de intervenção dos agentes sociais sobre a natureza, contrapondo a ideia generalizada de ação antrópica predominante até então. Assim, deixando o tripé ritmo climático, ação antrópica e impacto ambiental, o autor passa a adotar a concepção de apropriação, utilização e reprodução da natureza. Esse movimento possibilita uma outra transformação, de caráter epistêmico, ao modificar a maneira de pensar uma abordagem geográfica do clima.

A partir disso, o autor explora dois aspectos fundamentais para a progressão no desenvolvimento de uma Geografia do Clima. Um deles aponta para a necessidade de avanços no domínio de instrumentos tecnológicos, enquanto o segundo ressalta a “necessidade de se incorporar a dimensão social na interpretação do clima na perspectiva da análise geográfica” (Sant'Anna Neto, 2001, p. 58). Diante deste aspecto, propomos considerar a etnografia como subsídio para enriquecimento teórico-metodológico na produção de uma Geografia do Clima que atente-se à compreensão da dimensão social e à análise geográfica na interpretação do clima.

### *Dimensão social*

No que tange o estudo da dimensão social, a transição ontológica promovida por Sant'Anna Neto (2001) se baseia na compreensão dos sujeitos como seres sociais inseridos em uma estrutura de classes. Sob essa circunstância central, a Geografia do Clima enfatiza as diferentes intenções dos agentes econômicos na apropriação da natureza, que acarretam em maneiras diversas de utilização e reprodução desta natureza. Os distintos graus de intervenção produzem uma diferenciação entre grupos sociais nessa relação.

Esta ideia é fundamental para o desenvolvimento da concepção do clima urbano como uma construção social (Nascimento Júnior, 2018). A experiência dos indivíduos em relação ao clima é moldada pela natureza da atmosfera urbana que, por sua vez, é produzida pela interação entre as variáveis climáticas e os diversos aspectos que compõem o espaço urbano. Como resultado, a desigualdade socioespacial cria disparidades nos efeitos do clima sobre os sujeitos. Na medida em que o espaço é influenciado e configurado pelos desequilíbrios nas relações de classe, raça e gênero e, de maneira particular no contexto brasileiro, pela herança do colonialismo (Lave; Biermann; Lane, 2018), esses elementos têm o potencial de converter fenômenos climáticos habituais em eventos de impacto significativo para grupos específicos inseridos neste espaço.

A partir disso, entendemos que é necessário adotar abordagens de estudo que incorporem as distintas realidades e especificidades sociais que moldam as experiências dos grupos sociais em relação ao clima. A mobilização de técnicas de pesquisa qualitativa mostra-se pertinente para atender aos problemas de pesquisa levantados pela Geografia do Clima, permitindo a inclusão analítica das nuances das percepções e papéis dos sujeitos (Mendes; Tommaselli, 2019). Esse movimento exige uma articulação entre teoria e prática que pode ser atendida pelo emprego da etnografia.

A etnografia se fundamenta em formulações teórico-metodológicas, nas quais a teoria previamente acumulada pelo pesquisador contribui para a compreensão dos processos observados em campo. Simultaneamente, estas observações fornecem suporte para a construção da teoria relacionada ao tema em estudo, conforme destacado por Peirano (2014).

Para a Geografia, isso implica na apreensão enriquecida das informações e realidades espaciais que, por meio de outras técnicas, poderiam não ser prontamente acessíveis. Isso se evidencia, por exemplo, na identificação de nuances dentro de grupos sociais que, ao serem categorizados, tendem a ser simplificados em semelhanças (Biondi, 2018), constituídas como um conjunto de abstrações. No contexto da interação com o clima, essa capacidade de análise contribui para diferenciar percepções e impactos dentro de um mesmo cenário social.

No processo etnográfico, entretanto, essas perspectivas emergem a partir de um contexto relacional. Durante o trabalho de campo, o pesquisador possui e também provoca reações de seus interlocutores. Dessa forma, os resultados da pesquisa surgem das circunstâncias da relação entre o pesquisador e os participantes, influenciados por fatores como acesso ao grupo social e dinâmicas de poder em exercício (Santos, 1999).

Isso foi evidenciado na Geografia do Clima, conforme ilustrado nos estudos de Mendes (2019) e Faleiro e Armond (2023). No primeiro caso, ao investigar os efeitos da temperatura sobre varredoras de rua em Presidente Prudente (SP), a autora identificou que as respostas das entrevistas demonstraram um baixo grau de desconforto térmico durante as atividades laborais das trabalhadoras, mesmo sob elevadas temperaturas. No entanto, ao identificar nuances, a autora pôde inferir que a valorização do próprio trabalho diante de uma pesquisadora era um elemento importante para as entrevistadas (Mendes, 2019). Neste aspecto reside um fundamento da etnografia: a assimilação de perspectivas não ocorre somente pelo que é verbalmente expresso, mas também por atos não-verbais, apreendidos pela relação estabelecida entre os agentes envolvidos na pesquisa (Geertz, 1973).

Já no estudo de Faleiro e Armond (2023), a investigação sobre os efeitos do clima urbano sobre a população em situação de rua no Rio de Janeiro (RJ) demandou diferentes estratégias de aproximação do grupo social. A associação com outros setores sociais, como grupos religiosos, por exemplo, resultou em reações distintas daquelas obtidas em trabalhos de campo realizados sem a presença de outros grupos. Nesse sentido, é possível afirmar que as interações com as pessoas em situação de rua foram moldadas pelo lugar social ocupado pelas pesquisadoras: não apenas em relação aos grupos acompanhantes, mas também por variáveis de classe, gênero e raça, todas elas distintas das características de seus interlocutores.

A identificação dessas nuances permite compreender as fraturas sociais que formam as diversas realidades dos sujeitos. Esse panorama é crucial para a Geografia do Clima, dada a relevância de aspectos ligados ao gênero, raça e classe no estudo do clima urbano e seus efeitos (Nascimento Júnior, 2018). E, considerando que a conjuntura social implica em diferentes experiências com o clima, é necessário contemplar também o terceiro sustentáculo dessa relação: o espaço.

### *Análise geográfica*

Para pensar a análise geográfica do clima, é preciso refletir sobre como o clima ocorre e se relaciona com aquilo que lhe dá a identidade geográfica, o espaço. Para isso, consideramos a produção do espaço geográfico de Harvey (2015) como chave. Essa produção tem base na tensão dialética entre os três espaços do autor: os espaços absoluto, relativo e relacional.

A existência de um desses espaços não ocorre por si só, mas sim em função das circunstâncias impostas pela análise humana. Uma vez que essas categorias não são excludentes, tampouco apresentam ordem hierárquica, Harvey (2015) aponta que a natureza dos fenômenos estudados seria o fator determinante para o emprego de uma ou outra concepção (Armond, 2018). É por meio desta proposta que Armond (2018) realiza a análise geográfica do clima, atribuindo significados ao espaço de acordo com as distintas formas de análise.

Nessa compreensão, o espaço absoluto é entendido como um recorte fixo no qual os fenômenos se localizam, um receptáculo que permite sua mensuração e classificação. Armond (2018) emprega essa concepção para realizar a descrição da distribuição espacial dos elementos climáticos. Parte-se, assim, da existência desses elementos em si, tendo o espaço como recorte arbitrário no qual o clima está situado, como na tradição da Climatologia.

Já o espaço relativo pressupõe uma relação entre os objetos e fenômenos a partir da própria existência desses objetos (Harvey, 2015), sendo o tempo o fator de dinamização do espaço (absoluto). Armond (2018) adota essa compreensão para pensar a relação entre a distribuição espacial dos elementos climáticos sob diferentes grandezas espaciais. Nesse sentido, a analogia realizada pela autora coloca o espaço relativo em paralelo com a Climatologia Geográfica, por considerar que fenômenos e processos atmosféricos acontecem e são modulados por diferentes quadros espaço-temporais, de modo que a existência de ambos está ligado ao próprio fato de existirem e se relacionarem (Harvey, 2015).

O tripé que sustenta a análise geográfica do clima na Climatologia Geográfica favorece a leitura de uma existência relativa entre espaço, clima e sociedade. Aqui, o ritmo climático e a ação antrópica, dotadas de um atributo espaço-temporal, existem de maneira independente como dimensões de natureza e sociedade, respectivamente. Neste tripé, a maneira de compreender a dimensão da relação entre natureza e sociedade, entre ritmo climático e ação antrópica, é pelo impacto ambiental. A relação, ou seja, o impacto, é entendido como externo aos processos geradores, e não como elemento constituinte da própria relação. Assim, a existência relativa entre sociedade e natureza se dá pela maneira que os seres chamados antrópicos são impactados pelos ritmos climáticos.

Finalmente, o espaço relacional tem a relação como fundamento para sua existência, isto é, não existe fora dos processos que o definem. Essa concepção parte de Leibniz, que contrapõe a compreensão de Newton de existência absoluta do espaço e do tempo (Harvey, 2015). O entendimento do espaço como relacional permite uma mudança na maneira de se

pensar o clima como fenômeno geográfico, uma vez que “o espaço não é simplesmente uma superfície sobre a qual os fenômenos se realizam ou com o qual os elementos climáticos se relacionam” (Armond, 2018, p. 99). Para além disso, em uma dimensão relacional, o espaço constitui a dinâmica climática, assim como a dinâmica climática constitui o espaço (Armond, 2018).

A sociedade se insere nesta existência relacional, uma vez que os sujeitos, ao agirem como produtores e reprodutores deste espaço, coexistem em relação à dinâmica climática. Essa reprodução do espaço deve ser entendida a partir das relações sociedade-natureza, de maneira que a sociedade se apropria da natureza e utiliza-a na forma de recursos naturais, ao mesmo tempo que esta natureza, com processos e dinâmicas próprias, é elemento fundamental da reprodução dessa sociedade.

Essas relações sociedade-natureza são atravessadas e estruturadas por distintos interesses de classe. No modo de produção capitalista, os marcadores sociais de classe, gênero e raça são capazes de moldar a experiência de vida dos sujeitos, influenciando as relações sociais que se estabelecem entre si, mas também suas relações com o espaço e com a natureza. Por isso, esses fatores devem ser incorporados para pensar as distintas formas que esses sujeitos (re)produzem o espaço, assim como estabelecem diferentes relações com aquilo que se coloca como natureza, neste caso, com o clima.

Assim, essa dimensão relacional nos traz a questão da Geografia do Clima ao colocar o que do clima interessa à ciência geográfica, de maneira que esses diferentes sujeitos produzem espacialidades que diferenciam os modos de interagir e perceber os fenômenos atmosféricos. Na realidade material, isso ocorre nos contextos socioespaciais, que têm como base a vida cotidiana dos sujeitos e as suas condições materiais de existência. Ou seja, essas realidades são sociais por existirem a partir das relações sociais de reprodução da vida, e são essencialmente espaciais, por partirem do espaço, ao mesmo tempo que o (re)produzem.

E é por ter como base de sua produção os contextos socioespaciais que a etnografia nos permite avançar no desenvolvimento de uma interpretação do clima na perspectiva de uma análise geográfica, incorporando também a dimensão social. Os contextos se fazem relevantes no processo etnográfico, pois

“[...] a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja, está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente.” (Geertz, 2012, p. 19).

Na etnografia, é necessário compreender antes as “informações de fundo” para que se compreenda o contexto que implica a “coisa em si mesma”. Ao longo do processo etnográfico, essas “informações de fundo”, que antes poderiam passar despercebidas, tornam-se centrais para entender as relações que se estabelecem entre os sujeitos e como estas formam o contexto socioespacial em que estão inseridos.

A partir dos problemas e ferramentas dos próprios interlocutores (Biondi, 2018), a etnografia valoriza os contextos socioespaciais ao dar centralidade à percepção dos sujeitos que têm suas vivências cotidianas nessas realidades. Assim, o processo etnográfico abre caminho para entender as relações sociais entre os sujeitos inseridos nos diferentes contextos, mobilizando um entendimento relacional entre os indivíduos e o espaço que (re)produzem.

O fazer etnográfico possui, então, sempre uma dimensão espacial e temporal, que diz respeito ao espaço (absoluto) compartilhado entre os interlocutores, e entre eles e o pesquisado no tempo desta vivência. Ao mesmo tempo, essa espaço-temporalidade é também relacional, na medida que aquelas condições só existem dentro do processo que ali acontece, mas que, ao mesmo tempo, dependem de tudo o que acontece ao seu redor. Por isso, a relação entre sujeitos, clima e espaço sempre atravessará a relação primeira da etnografia: aquela estabelecida entre pesquisador e seus interlocutores.

Para articular essas múltiplas espaço-temporalidades, a etnografia faz uso da descrição densa para explorar este estar situado. A descrição densa é o esforço intelectual que parte da tentativa de apreender para apresentar as estruturas, sinais e comportamentos sobrepostos, irregulares e complexos resultantes do processo etnográfico (Geertz, 1973). A partir disso, a tensão entre espaço-tempo absoluto e relacional é colocada como estruturante do processo de pesquisa, nos revelando possibilidades analíticas para pensar a complexidade dessas relações e dos contextos socioespaciais.

Ao dar centralidade às relações sociais e como estas são produto e produtoras do espaço, a etnografia nos permite pensar a análise geográfica do clima partindo do cotidiano dos diferentes sujeitos. A vivência cotidiana dos indivíduos está imbricada com a dinâmica climática em suas diferentes realidades socioespaciais. Por isso, a dimensão relacional entre clima, sujeitos e espaço expande a análise geográfica do clima para além da forma do impacto, mas de como os processos atmosféricos existem no cotidiano para os diferentes sujeitos.

Para a Geografia do Clima, a investigação partindo da coexistência cotidiana dos fenômenos atmosféricos nas realidades socioespaciais poderiam revelar como as fraturas



sociais configuram distintas formas de existência dos processos atmosféricos. A etnografia pode contribuir para o avanço desta Geografia do Clima pela tensão constante entre articulação teórica e mobilização de procedimentos e técnicas de pesquisa diversas, mobilizando, em um esforço constante de compreensão relacional e preocupação com a realidade das relações que ali se estabelecem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, buscamos discorrer sobre a necessidade de uma abordagem que possa auxiliar a responder os problemas de pesquisa levantados pela Geografia do Clima. Essa necessidade surge das dificuldades no desenvolvimento dos estudos que deem centralidade às experiências dos sujeitos em relação ao clima tendo, como contexto, o espaço no qual se inserem.

Por isso, sugerimos a etnografia como um campo teórico-metodológico que oferece suporte aos dois aspectos centrais da Geografia do Clima: a dimensão social e a análise geográfica. Para tanto, discutimos, inicialmente, a mudança ontológica proposta pela Geografia do Clima ao diferenciar as diversas relações entre sujeitos e natureza, deixando a ideia de ação antrópica que predominava até então para inserir um novo entendimento de dimensão social. Assim, colocamos que faz-se necessário o emprego de um arcabouço teórico-metodológico que seja capaz de individualizar as experiências desses sujeitos com o clima, assimilando particularidades dos grupos sociais e seus contextos espaciais.

A relevância do espaço nessa relação nos leva ao segundo aspecto central para a Geografia do Clima, a análise geográfica. Associando as distintas formas de estudo do clima aos três espaços de Harvey (2015), Armond (2018) conclui que a Geografia do Clima, assim como o espaço relacional, tem a relação como condição para sua existência. A dinâmica climática constitui e é constituída pelo espaço que, por sua vez, é produzido e reproduzido por sujeitos que também se relacionam com a dinâmica climática. Dessa forma, sugerimos que a etnografia se insere neste contexto relacional, tendo na relação entre o pesquisador e os interlocutores uma de suas premissas. Os resultados produzidos nesse processo são, portanto, fruto de uma relação que abarca os demais aspectos relacionais da existência: espaço, natureza e cultura. A partir disso, esperamos contribuir para a construção de novas leituras do tempo e do clima que se utilizem do repertório da etnografia na Geografia do Clima.



## REFERÊNCIAS

- ARMOND, Núbia Beray. **Dinâmica climática, excepcionalidades e vulnerabilidade: contribuições para uma classificação geográfica do clima do estado do Rio de Janeiro**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.
- BIONDI, Karina. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**. Editora Terceiro Nome, 2018.
- FALEIRO, Giovana Teodora de Jesus; ARMOND, Núbia Beray. Urban Climate and the Homeless Population: Exposure, Impacts, and Strategies. **Environmental Justice**, 2023.
- GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. Basic books, 1973.
- HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Revista em Pauta**, n. 35, v. 13, p. 126-152, 2015.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Claudia Luisa Zeferino. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. 2016.
- LAVE, Rebecca; BIERMANN, Christine; LANE, Stuart. **The Palgrave handbook of critical physical geography**. 2018.
- MENDES, Lidiana Pinho. **Varredoras(es) de rua de Presidente Prudente/SP/BR: uma análise de suas rotinas laborais e de seus climas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.
- MENDES, Lidiana de Pinho; TOMMASELLI, José Tadeu Garcia. Além dos registros instrumentais: a metodologia qualitativa na construção de pesquisas da geografia do clima. **Geosul**, v. 34, n. 73, p. 10-32, 2019.
- NASCIMENTO JÚNIOR, Lindberg. O clima urbano como risco climático: contribuição da geografia do clima aos estudos sobre os climas das cidades. **Geo UERJ**, n. 33, p. 36827, 2018.
- SANTOS, Rosselvet José. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Sociedade & Natureza**, v. 11, n. 21/22, 1999.
- SANT'ANNA NETO, João Lima. Por uma Geografia do Clima-antecedentes históricos, paradigmas contemporâneos e uma nova razão para um novo conhecimento. **Terra Livre**, n. 17, p. 49-62, 2001.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.
- TADDEI, Renzo; GAMBOGGI, Ana Laura. Etnografia, meio ambiente e comunicação ambiental. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 8, n. 2, 2011.